

# DA IMPOSSIBILIDADE DE UMA TEORIA DA COMUNICAÇÃO

**Júlio César Tadeu Barbosa**  
( Professor do IAC/PUCCAMP )

“Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo.”

WITTGENSTEIN

“Guerra é Paz  
Liberdade é Escravidão  
Ignorância é Força”

ORWELL, in 1984.

“Arbeit macht Frei” ( O trabalho liberta ).  
Inscrição nos campos nazistas.

Os interesses dos pesquisadores tem-se voltado cada vez mais para a comunicação e seus efeitos na sociedade contemporânea. Neste sentido foram desenvolvidos estudos, principalmente nas áreas de política, da economia e da cultura. Entretanto, apesar destes avanços, não se pode falar em uma “Teoria” da Comunicação, e o estudo dos fenômenos da comunicação devem-se iniciar por uma Teoria do Conhecimento, como teoria crítica da sociedade.

## O limiar da ação e o sentido da sociabilidade

A comunicação é um determinante fundamental da vida humana. Sem comunicação o social não existe. É ela o mais característico exemplar da criação humana, sendo única especialmente “na sua representação simbólica e na re-criação de aspectos da condição humana.”<sup>1</sup>

Se pensarmos que foi a satisfação das necessidades do grupo que possibilitou a existência da primeira comunidade, tal só foi possível, porque de alguma maneira seus integrantes se comunicaram entre si. Com o surgimento da linguagem, pôde o homem transmitir e partilhar informa-

ções a seus descendentes, criando uma memória coletiva da sociedade. A linguagem multiplicou o poder de comunicação do homem, dando-lhe a possibilidade de atribuir significado ao mundo.

Ao fazer isso, um grupo social diz como o mundo é na sua perspectiva, dá-lhe a sua própria interpretação. Ao utilizar categorias fundamentais, nessa tentativa de interpretação, a sociedade cria sua própria lógica, e por extensão, a de cada um dos indivíduos que a integra.

Tal lógica é entendida como a existência de conjunto de significados comuns atribuídos aos componentes do mundo afeto a cada sociedade. E a existência dessa teia de significados é que possibilita as relações sociais, que se dão à medida que eles são internalizados pelos seus integrantes ( indivíduos que integram a sociedade ).

Nesse sentido identificamos o comportamento de cada indivíduo orientado em função do comportamento do outro, ao mesmo tempo que ambos os comportamentos são significantes para os agentes individuais, naquilo que Max Weber denominou ação social.

“A idéia de relação social, acrescenta a esse duplo fenômeno de significação de orientação mútua a idéia de uma previsibilidade de um sistema de significações.”<sup>2</sup>

O advento dos meios de comunicação de massa, sua propagação em escala planetária, dentre outras conseqüências alterou os sistemas de significações até então regionais, fazendo com que nunca, em nenhuma época, tantas pessoas tivessem tanto em comum.

Alterou-se a lógica das sociedades, e de seus integrantes, massivamente. Se o comportamento das pessoas era em resposta às suas experiências o mesmo não mais pode ser dito, pois a propagação massiva de informações, faz com que muito desse comportamento — ações e reações — seja em resposta a coisas que não experimentaram diretamente.

O que acontece com os operários da Capemi em Tucuruí, o que está acontecendo em El Salvador, na Nicarágua ou no Líbano; o que acontece na política, na educação, ou nas artes. Enfim, há uma constelação de fatores que afetam às pessoas rápida e profundamente, ao mesmo tempo que modificam suas relações.

A possibilidade de indivíduos ou grupos veicular mensagens através dos meios de comunicação de massa, dá-lhes um terrível poder, à medida que podem modificar o comportamento das pessoas e decretar a invalidade de aspectos do sistema de significações, ao mesmo tempo que estruturam uma consciência comum sobre valores não orgânicos ao grupo.

Valores mercantilizados em larga escala tornam-se o referencial das relações sociais. A “cultura popular” é fabricada industrial e massivamente, com a mesma velocidade com que são produzidas as mercadorias.

## A linguagem e a construção do real

Este processo alterou e tem alterado o conjunto dos símbolos que dá significado e direciona a atividade do homem. Vivemos em um mundo dominado por crises — econômicas, políticas e sociais — as quais são sistematicamente escamoteadas ou distorcidas pelos controladores dos sistemas de comunicação de massa, de acordo com os seus interesses.

A ciência e a tecnologia, ao mesmo tempo que assumiram o papel de verdadeiras forças produtivas, dão a tônica do discurso competente: o discurso tecnocrático, sendo o Estado o seu portador.

Este, controla, manipula e promove as informações e o acesso a elas, e seu discurso visa a impedir a tematização dos fundamentos do poder. As normas vigentes não são questionadas, sendo apresentadas como “legítimas”, e esta ação é facilitada pelo simples fato que as “idéias não são aceitas ou mantidas por serem verdadeiras, mas por serem práticas.”<sup>3</sup>

As palavras perdem e ganham significados, e o Estado faz suas as palavras de Humpty, desdenhoso personagem de Lewis Carrol:

“Quando eu emprego uma palavra, ela significa somente aquilo que eu quero, nem mais, nem menos... A questão é saber quem manda e ponto final.”<sup>4</sup>

Kant já explicitou que para o homem o real é o que ele organiza, o que significa que “a linguagem não é uma cópia do real, mas uma organização do mesmo.”<sup>5</sup> A possibilidade de construção do real de acordo com os interesses dos controladores dos meios de comunicação de massa não é simples figura de retórica. Os exemplos estão no dia-a-dia, e quem não se recorda da escandalosa tentativa de fraude nas eleições para governador no Rio de Janeiro, onde a TV Globo desempenhou tão triste papel ?

Como quê bíblicamente, a criatura ( linguagem ) se volta contra o criador ( homem ). “Ao invés de ser o homem quem a usa é ela que usa o homem.”<sup>6</sup> Entretanto, apesar de todas as tentativas de distorção e escamoteamento do real, “o malogro, o sofrimento mergulham o homem na reflexão e na interrogação. Forma-se então a palavra interior: como fazer de outro modo ?”<sup>7</sup> Então, a palavra, enquanto reflexão, se põe novamente a serviço do homem, pois ela antecipa, significa e ensaia toda uma transformação no imaginário, no vazio ocasionado pelas frustrações e pelas interrogações que elas provocam.

O “discurso competente” não é capaz de impedir, de maneira absoluta, a comunicação entre os dominados, pois sempre existe poder de comunicação que escapa aos poderosos, seja qual for o monopólio, governamental ou não. Do povo para o povo, qualquer que seja a separação, experiência continua sendo sensível, e bem sabem as mães da Plaza de Mayo quão caro é o significado disto.

A tarefa que se põe é a de reconstituir o real, de recuperar a essência da linguagem, de apreender a referência do sistema de significações, tendo em vista que há uma pluralidade de modos do discurso. A questão a ser respondida é: a que se refere a ação comunicativa? (entendida como a produção, percepção e compreensão de mensagens).

## Da impossibilidade de uma “Teoria” da Comunicação

Alguns autores desenvolveram e têm desenvolvido esforços no sentido de elaborar uma Teoria da Comunicação Humana. Segundo Gerbner, deve ser uma teoria “que nos possa ajudar a estudar, compreender, julgar e controlar as ocorrências nos quais os meios de comunicação de massa desempenhem um papel cada vez mais importante”<sup>8</sup>, mas ele mesmo já adianta que tal teoria não existe. Mas, virá ela a existir?

Existe, por exemplo, uma Teoria da Linguagem, de Chomsky (Teoria da Competência Lingüística), mas é ela apenas uma tentativa de reconstituir o conjunto das regras abstratas que permitem a um locutor construir sentenças (unidades lingüísticas). Mas, não há uma “Teoria da Comunicação”.

Em seu trabalho, Gerbner enuncia a contribuição de diversos autores no campo da comunicação e suas vinculações com algumas dimensões da vida humana, especialmente no campo da política, da economia e da cultura, sem que isso signifique, entretanto, possam elas se constituir numa teoria autônoma da comunicação.

Mais recentemente, por ocasião das discussões sobre a Resolução 03/78 do Conselho Federal de Educação, Lins da Silva retomou o problema, ao discorrer sobre o que deveria ser o conteúdo da disciplina criada por aquela norma, a Teoria da Comunicação<sup>9</sup>. Assumindo postura semelhante à de Gerbner, tendo-o inclusive mencionado, Lins da Silva crê, que em futuro próximo, com o desenvolvimento dos estudos no campo da comunicação, venha ela a ter seu próprio estatuto teórico.

Em seu trabalho, apontou ele para alguns dos avanços ocorridos após Gerbner, tais como a tentativa de De Fleur, da escola americana, ainda insuficiente, todavia, para dar à comunicação sua própria teoria. Além disto, discorreu sobre a “falência” da proposta dos teóricos de Frankfurt, a partir dos trabalhos de Eco, anotando, entretanto, que seus críticos também não desenvolveram nenhum avanço mais significativo.

Por fim, nos remete aos trabalhos de “Althusser, Raymond Willians, Verón e o pouquíssimo divulgado no Brasil Enzensberger”<sup>10</sup>, além de Mattelart e Schiller, não deixando de ressaltar que tais trabalhos se restringem a “apenas um de seus (da comunicação) aspectos, que é o da difusão maciça, ou comunicação de massa”<sup>11</sup>.

Não é possível, na minha opinião, compartilhar a perspectiva de Lins da Silva sobre a existência de uma Teoria da Comunicação, mesmo que no futuro, próximo ou não, e não se trata de nenhum exercício de prestidigitação esta assertiva. No máximo avançaremos na compreensão dos fenômenos produzidos pelos meios de comunicação de massa, tais como o comportamento eleitoral, aspectos culturais etc. Todavia, os comportamentos diferenciados não estarão aí incluídos.

Não pretendo aqui questionar as possibilidades teóricas apontadas por Lins da Silva, apesar das incompatibilidades evidentes entre, por exemplo, Althusser, Williams e Enzensberger, mas tão-somente problematizar a possibilidade do devenir de uma teoria da comunicação. Os fenômenos da comunicação, e Lins da Silva assim os ressaltou, não se restringem àqueles gerados pelos meios de comunicação de massa, e a existência de uma teoria da comunicação se torna mais complicada à medida que a comunicação é a mediadora de todas as ações humanas.

Uma teoria é usada para designar tentativas de explicação de fenômenos, em termos gerais e abstratos. Ao explicar fenômenos, uma teoria pode referir-se a determinada lei geral, ou leis, que regularmente ocorram, dadas certas condições. Pode, além disto, sugerir a existência de variáveis, que se constituam em leis adicionais, mas uma "teoria não é uma lei por si mesma"<sup>1 2</sup>.

Assim, uma Teoria da Comunicação explicaria, ou tentaria explicar, abstratamente, todos os fenômenos ligados à comunicação, com um mínimo de controle de variáveis nesse processo. Creio então que se dá uma impossibilidade, pelo próprio papel que a comunicação desempenha. Ao mesmo tempo que é organizadora do real, ou que faz o real existir, a comunicação se torna impossível de ser apropriada por uma teoria própria.

## À guisa de conclusão

Os estudos da comunicação se confundem e imbricam em várias outras áreas do conhecimento, e só são possíveis graças à existência dela mesma. Na minha opinião é por aí que se deve começar: a teoria do conhecimento, como teoria crítica da sociedade, numa perspectiva de pensar filosoficamente a ciência.

A resposta à questão colocada tem início aí. Reportar-se aos referenciais que dão significado à comunicação, significa refletir sobre uma teoria do conhecimento. Mas esta deve ser vista como teoria crítica da sociedade: as condições em que o conhecimento é gerado e difundido.

Isto nos leva a uma reflexão sobre a linguagem humana, sua fragmentação e a possibilidade de salvar sua unidade. Antes de chegar a Enzensberger ou outros, creio que ela deve começar em Kant, passa por

Kierkegaard e, dentre outros, Ricoeur, conduzindo até Habermas e sua Teoria da Competência Comunicativa.

#### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) GERBNER, George. "Mass Media and Human Communication Theory". In *Sociology of Mass Communication*, Middlesex, Penguin Books, 1972, p. 36.
- (2) RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologia*. Trad. Hilton Japiassu, Rio, F. Alves, 1977, p. 67.
- (3) ALVES, Rubem. "Notas Introdutórias sobre a Linguagem", in *Reflexão* n<sup>o</sup> 13, Campinas, PUCAMP, 1979, p. 28.
- (4) Citado por André Glucksman in *A Cozinheira e o Canibal*. Trad. Angelina Peralva, Rio, Paz e Terra, 1978, p. 71.
- (5) ALVES, R. *op. cit.*, p. 29.
- (6) *Id. ibid.*, p. 31.
- (7) RICOEUR, P. "Trabalho e Palavra". In *História e Verdade*. Trad. F. A. Ribeiro, Rio, Forense, 1968, p. 205.
- (8) GERBNER, G. *op. cit.*, p. 38.
- (9) In *Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação*. São Paulo, Cortez & Moraes, INTERCOM, 1979, pp. 191 — 210.
- (10) *Op. cit.* p. 200.
- (11) *Id.*, *ibid.*
- (12) BRECHT, Arnold. *Teoria Política: Fundamentos do Pensamento Político do Século XX*. Trad. Álvaro Cabral. Rio, Zahar, 1965, 1<sup>o</sup> vol., p. 35.